

As mídias digitais e o uso das redes sociais na produção de novos formatos de discurso e atuação nas favelas cariocas

Thamyra Thâmara de Araújo⁶²

RESUMO

Nos últimos anos, o barateamento de dispositivos eletrônicos junto com a sua popularização fez com que grande parte dos jovens de origem popular começasse a acessar internet de seus próprios celulares com conexão e computadores pessoais. O uso da internet e das novas tecnologias significa não apenas apropriação por parte dessa juventude favelada como também a possibilidade de ressignificar seu território, fortalecendo e dando visibilidade às suas práticas culturais. Uma vez que a comunicação não é neutra, ela reflete escolhas, visão de mundo e denota comportamentos culturais. Além do acesso à internet dentro da favela, as novas mídias têm apontado outros formatos da reivindicação de direitos, da comunicação e da atuação nas favelas. Eles, os moradores destes locais periféricos, estão narrando suas próprias histórias e do seu território; se denominam como ativistas, comunicadores populares e independentes e se sentem participando e atuando nas decisões da cidade. Quando se sentem injustiçados, a indignação vai para o Facebook; quando ficam horas na fila para serem atendidos no hospital, a reclamação se transforma num post no Twitter para o prefeito. O tapa na cara dado por um policial agora está gravado e é postado no Youtube. Dessa forma, entender como as mídias digitais têm alterado as maneiras de comunicar e produzir dentro dos territórios é fundamental. Além de entender como essa comunicação, no ambiente virtual, são significadas dentro e fora dele.

Palavras Chaves: Favela; Mídias Digitais; Redes Sociais; Discurso; Poder; Multiterritorialidade.

Introdução

⁶² Thamyra Thâmara é jornalista, co-fundadora do GatoMÍDIA e mestra em cultura e territorialidade pela Universidade Federal Fluminense. Faz parte da equipe do AWA, workshop de Comunicação Criativa Classe C e D. E acredita que *"quem desde cedo aprende a fazer com o que não tem, quando tem multiplica"*. Seus temas de estudo e interesse são: processos criativos, gambiologia, a arte de se virar e comunicação criativa.

Em 2013, no mestrado em Cultura e Territorialidade pela Universidade Federal Fluminense, eu dava início a uma pesquisa no Complexo do Alemão sobre os coletivos de fotografia que utilizavam a fotografia para se autorrepresentarem. A pesquisa analisava a produção fotográfica do coletivo Foto Clube Alemão e tinha o objetivo de entender o significado dessas representações dentro da comunidade, uma vez que eles buscavam criar outras representações sobre o território que valorizassem a autoestima e as relações sociais. No doutorado, o desejo é continuar a pesquisa no Complexo do Alemão, mas a partir da perspectiva dos coletivos de comunicação, em específico o Coletivo Papo Reto. A partir daí entender como essa comunicação produzida por eles nas redes sociais tem significado dentro e fora da favela, criando conexões com outras favelas e cidades do mundo. Além do trabalho como jornalista sou co-fundadora do GatoMÍDIA, espaço de aprendizado em mídia e tecnologia para jovens negros e de espaços populares. Tendo como tema de interesse mídias sociais, processos criativos, *gambilogia*, a arte de se virar e comunicação criativa.

Na última década vem crescendo o número de comunicadores populares nas favelas do Rio de Janeiro: favelados que se denominam como tal, e que falam do seu lugar de moradia, do seu jeito, do seu olhar, e na sua linguagem, seja através de jornal e rádio comunitária ou através de um perfil numa rede social. Segundo a *Pesquisa de hábitos e práticas culturais de jovens residentes em cinco favelas cariocas*, organizada pelo projeto Solos Culturais⁶³, vinculado a ONG Observatório de Favelas, realizada em 2012, em cinco favelas do Rio de Janeiro (Rocinha, Cidade de Deus, Complexo do Alemão, Complexo da Penha e Manguinhos), 90% dos moradores entre 15 a 28 anos têm acesso à internet. Entre as redes mais usadas estão Facebook e Youtube. A internet é usada por esses jovens tanto para baixar filmes e músicas como para veicular seus próprios vídeos, incentivando o compartilhamento de ideias e a produção cultural. De acordo com a pesquisa *Lan House na favela: Cultura e práticas sociais em Acari e no Santa Marta*, desenvolvida pela historiadora Pamella Passos, em 2007 as Lan Houses foram apontadas como responsáveis por 49% dos acessos à internet no país. Equipadas com computadores conectados à internet e cobrando por suas horas de uso, esses estabelecimentos espalharam-se rapidamente nas favelas assumindo importante papel no debate sobre inclusão digital nestes territórios. Nos últimos anos, o barateamento de

⁶³ Solos Culturais / organizadores: Jorge Luiz Barbosa e Caio Gonçalves Dias; ilustrações de Paula Santos – Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

dispositivos eletrônicos junto com a sua popularização fez com que grande parte dos moradores de favela começasse a acessar internet de seus próprios celulares com conexão e computadores pessoais, fazendo com que as Lan Houses perdessem espaço ainda que continuem a representar um importante lugar de sociabilidade de adolescentes e jovens nas favelas cariocas, uma vez que a Lan House além de ser uma espaço de acesso ao computador e conexão à internet, também é um lugar de jogos, troca e encontros.

Em 2013, pesquisa no Ibope/YouPix⁶⁴ mostrou que 92% dos jovens do Brasil que acessam a internet usam as redes sociais. Twitter, Facebook e YouTube estão entre as plataformas mais utilizadas, onde o uso brasileiro só perde para o dos Estados Unidos. Segundo a mesma pesquisa, o Facebook tem 73,5% da audiência das redes sociais, totalizando 76 milhões de usuários no Brasil. O uso da internet e das novas tecnologias significa não apenas apropriação e consumo por parte dessa juventude favelada como também a possibilidade de ressignificar seu lugar de moradia, fortalecendo e dando visibilidade às suas práticas culturais. Uma vez que a comunicação não é neutra, ela reflete escolhas, visão de mundo e denota comportamentos culturais. As possíveis narrativas postadas no perfil de uma rede social, tanto como um vídeo produzido e carregado no Youtube, carregam consigo uma parcela importante na elaboração de subjetividades e materialização de experiências.

Hoje um jovem de favela não apenas faz *download* (baixar arquivo da internet) quando acessa a internet como constantemente tem feito *upload* (subir arquivos para internet) das suas produções seja por meio de um vídeo, fotografia, música, ou outros, possibilitando uma abertura no acesso aos novos meios de produção, de informação e de produção de conhecimento a várias camadas da sociedade. Além do acesso à internet dentro da favela, as novas mídias tem apontado outros formatos de se comunicar, reivindicar direitos e se conectar com jovens de outras favelas do Brasil e do mundo.

As manifestações em junho de 2013 evidenciaram como as redes sociais, em especial o Facebook, podem constituir uma arena de debate, reivindicação de direitos, compartilhamento de informações e, principalmente, trazer visibilidade às denúncias dentro das favelas e periferias. Como foi o caso do desaparecimento do Amarildo, morador da favela da Rocinha:

⁶⁴ <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/paginas/ibope-media-e-conecta-apresentam-perfil-do-jovem-brasileiro-no-youpix-festival-2013.aspx>

Entre os dias 13 e 14 de julho de 2013, uma operação batizada de Paz Armada⁶⁵ mobilizou 300 policiais na Rocinha e prendeu suspeitos sem passagem pela polícia, logo depois de um arrastão ocorrido nas proximidades da favela. Na época, 30 pessoas foram presas, entre elas Amarildo⁶⁶.

Amarildo Dias de Souza, ajudante de pedreiro morava com a sua mulher e mais seis filhos num barraco de um cômodo só no alto da favela da Rocinha. Ele havia acabado de voltar de uma pescaria e foi detido e conduzido por policiais militares da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) e desde então nunca mais sua família o viu. O desaparecimento do morador da Rocinha, Amarildo, junto com a pressão dos familiares para solucionar o caso, articulado com as manifestações de rua que estavam em curso no Rio de Janeiro e no Brasil, acabou culminando na Campanha *Cadê o Amarildo?*⁶⁷.

Por meio das redes sociais, um caso, não isolado, de desaparecimento numa favela do Rio de Janeiro, muitas vezes invisibilizada, tomou proporção maior. Pessoas do Brasil e de outros países começaram a colocar em seus perfis pessoais fotos com cartazes com a seguinte frase '*Cadê o Amarildo?*'. Essas imagens veiculadas nas redes sociais incentivaram cada vez mais outras pessoas a fazerem o mesmo, tornando possível o compartilhamento da ideia em grande escala. A *hashtag* #CadeoAmarildo, como uma forma de pergunta ao estado e polícia sobre o desaparecimento dele, apareceu entre os temas mais falados e comentados no Twitter em julho de 2013 e se materializou em cartazes e faixas pelas ruas da metrópole e até nas ruas do mundo. Com a pressão popular e a visibilidade que o caso teve na mídia internacional, acabou tornando possível a prisão dos policiais envolvidos na morte de Amarildo. Porém, o corpo até hoje não foi encontrado.

O Caso Amarildo e seus desdobramentos evidenciam como o uso das redes sociais tem trazido para o debate nacional e internacional, demandas locais como a do Amarildo e de outros moradores de favelas. O que é uma consequência direta do próprio avanço tecnológico e a possibilidade de se conectar e compartilhar informações com pessoas de qualquer lugar do mundo. Assim também como a multiterritorialidade, um fenômeno dos dias atuais, evidencia a possibilidade de um jovem favelado se sentir identificado e representado por um jovem de outra favela do Brasil e do mundo. Porque

⁶⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Amarildo

⁶⁷ <https://pt.globalvoices.org/2013/07/26/campanha-onde-esta-o-amarildo-contra-a-violencia-policial-nas-favelas/>

o território que à primeira vista é apenas imerso em relações de dominação e/ou de apropriação sociedade-espço, “*desdobra-se ao longo de um continuum que vai da dominação político-econômica mais ‘concreta’ e ‘funcional’ à apropriação mais subjetiva e/ou ‘cultural-simbólica’*” (Haesbaert, 2004, p. 95-96).

O problema do discurso

Durante muito tempo, aqueles que vivem nas favelas cariocas não tiveram poder sobre uma certa imagem produzida por determinados atores autorizados (como o estado, a mídia, elite, etc), frequentemente associada ao marginal, ligada à guerra do tráfico de drogas ou à falta de estrutura básica. Mesmo que a disputa sobre essa única narrativa sempre existiu (por meios da música, funk, samba, rap, das crônicas e poesias produzidas por artistas e moradores locais), nesta década, por meio do avanço tecnológico e do seu maior acesso pelas camadas populares, abriu-se a possibilidade de maior visibilidade de outras imagens e discursos sobre as favelas.

Principalmente nas redes sociais, onde cada dia vem chegando outros produtores de discursos, moradores e coletivos de favela que buscam falar da favela através do seu próprio olhar e de quem vive nela. Para Resende (2003), o campo do discurso é fundamental para se pensar a questão da representação já que é nele que se instala a disputa e correlação de forças. Fazendo referência a Foucault (1996), podemos dizer que proferir um discurso implica o que o autor chama de “vontade de verdade”, ou seja, o “discurso verdadeiro” é antes desejo e poder (1996, p.20). Quem fala por quem? Quem está autorizado a falar sobre a favela e a periferia?

O sociólogo Manuel Castells (1996), no livro *A Sociedade em Rede*, constrói seu raciocínio partindo da história do forte desenvolvimento das tecnologias a partir da década de 1970 e seus impactos nos diversos campos das relações humanas. Ele mapeia um cenário mediado pelas novas tecnologias de informação e comunicação – TICs – partindo da hipótese que estas novas tecnologias interferem nas estruturas sociais e criam novos formatos de participação e luta. Segundo o autor, os movimentos existem tanto no espaço público do ciberespaço, como no espaço público urbano:

Porque a internet é uma rede de redes, local-global, plenamente interativa e difícil de controlar, ainda que seja vigiada. A "cultura da virtualidade real" - lembrando que as culturas consistem processos de comunicação e que, uma vez sendo a comunicação baseada em sinais, não há separação entre "realidade" e representação simbólica. Isso é importante para destacar que

as relações humanas, cada vez mais, se darão em um ambiente multimídia, cujos impactos ainda estão por serem estudados, destaca (CASTELLS, 1996, p. 40).

Pensando numa contribuição bakhtiniana para esse debate, é possível pontuar que o discurso é utilizado como objeto e lugar de disputa na arena da cultura. A luta pelo discurso é, portanto, central na constituição do grupo, de sua entrada em cena, de sua possibilidade de participar mais claramente do poder político e cultural, consolidando sentidos e posições públicas. Sendo portanto essa luta não apenas confronto, mas também mediação entre mundos. Para Bakhtin (1992), a linguagem popular vai desempenhar esse jogo de poder criativo e potência destrutiva, sem, porém, perder de vista seu caráter ambivalente e circular. *“A linguagem da cultura popular é poder criativo porque propõe novas fórmulas, desafia o já dado com releituras, mas também com inovações, e é capaz de gerar uma âncora identitária, fornecendo a carta de conduta, o mapa social, para aqueles a quem permitirá o pertencimento, ao mesmo tempo interditando o lugar dos outros”*, leitura de Bakhtin que faz Carlo Ginzburg (1987). Dentro dessa discussão, Foucault pontua que o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, *“o poder do qual nos queremos apoderar”* (Foucault, 1986). A disputa por saber é reveladora de uma disputa por poder, pelo controle da informação, pela construção de uma versão que se sobreponha às demais e receba o estatuto de verdade, o que implica em uma disputa pela própria posição social ocupada pelos agentes nas arenas culturais. *“A verdade não existe fora do poder ou sem poder”* (Foucault, 1986).

Segundo Fredrik Barth (2000), as estruturas mais significantes da cultura - ou seja, aquelas que mais consequências sistemáticas tem para os atos e relações das pessoas – talvez não estejam em suas formas, mas sim em sua distribuição e padrões de compartilhamento e não compartilhamento. Considerar o significado como uma relação faz com que prestemos mais atenção ao contexto da práxis. Nesse caso, entender a prática da cultura no ciberespaço das redes sociais se torna importante para entender também a prática da cultura fora do ambiente digital – *“só se pode estar razoavelmente seguro de ter entendido corretamente um significado quando se presta muita atenção às pistas relativas ao contexto à práxis, à intenção comunicativa e à interpretação só isso nos permite entrar experimentalmente no mundo que eles constroem”* (BARTH, 2000).

Milton Santos (2006), por sua vez, pontua que a apropriação das tecnologias de comunicação pelas classes populares, ferramentas que antes pertenciam às classes

dominantes e que no contexto da globalização, pela própria necessidade do capital, estão sendo democratizadas, não tem a ver apenas com inclusão ou entretenimento. É produção de significado também e disputa de narrativa sobre si, sobre o outro e sobre o lugar em que se mora. Já para Reyes (2013), grande parte desta outra geografia, denominado como territórios ‘transfronteiriços’, em grande parte se dá pelo uso das novas mídias que se apresenta como uma ferramenta para compartilhar obras, ideologias, vincular a própria produção, articular encontros e intervenções na rua. Eliminando assim, a dependência de outros meios intermediados por terceiros. Do outro lado, Haesbaert (2004), nos propõe a repensar a ideia de território rompendo com a dicotomia entre fixidez e mobilidade, pensando a partir da constituição de “multiterritorialidade” e “território rede”, mais envolvidos pela fluidez e a mobilidade.

Estamos pensando a rede não apenas enquanto mais uma forma (abstrata) de composição do espaço, no sentido de um ‘conjunto de pontos e linhas’, mas como o componente territorial indispensável que enfatiza a dimensão temporal-móvel do território e que, conjugada com a ‘superfície’ territorial, ressalta seu dinamismo, seu movimento, suas perspectivas de conexão e ‘profundidade’, relativizando a condição estática e dicotômica (em relação ao tempo) que muitos concedem ao território enquanto território-zona num sentido mais tradicional (HAESBAERT, 2004, p. 286-87).

Do outro lado, Hall (2006) reflete que é na tal “crise da identidade” na sociedade moderna que o favelado não se sente, como um todo, representado pela mídia hegemônica. Ele busca novas alternativas de representação, recriando sua própria identidade seja por meio de um texto nas redes sociais ou um vídeo no Youtube. E é na busca de uma "nova" identidade da favela ou do favelado que acontece a disputa na arena do discurso.

O discurso dos favelados se forma a partir da atuação nas diversas esferas de seu local de moradia: associações de moradores, praças, bares, associações, agremiações recreativas- culturais-esportivas, entre outros. (...) a homogeneidade das múltiplas práticas e vivência cotidiana num mesmo local cria e renova os seus símbolos de identidade. As situações em que são colocados na categoria de subalternos, bem como as estratégias de resistência a estas situações forjam laços que não são fixos, nem definitivos, mas estão constantemente sendo renovados e reinterpretados. Estes laços dão o significado de sua identidade (ZALUAR, 1985).

O uso de mídias pelo Coletivo Papo Reto no Complexo do Alemão

O Complexo do Alemão, localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, é formado por 13 favelas: Pedra do Sapo, Morro da Esperança, Alemão, Baiana, Grota, Itararé/Alvorada, Morro do Adeus, Reservatório de Ramos, Nova Brasília, Fazendinha, Palmeiras, Matinha, Morro dos Mineiros, Relicário – esse número é baseado no número de favelas organizadas por meio de uma associação de moradores. Segundo dados do IBGE, o conjunto de favelas do Alemão possui uma população de cerca de 60 mil habitantes. Em 2010 o Complexo do Alemão é ocupado pelo exército e em 2011 é instalado a primeira Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no território, dois momentos em que os olhos da mídia corporativa e da sociedade estavam voltados para o Complexo. No primeiro momento por causa da narrativa da “guerra” e depois com a narrativa da “paz” com a chegada da UPP.

E é justamente no contexto de pós-ocupação das favelas pelo Exército e entrada da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) como política pública no Complexo do Alemão que surge o coletivo PAPO RETO, formado por jovens moradores do Complexo do Alemão e da Penha, embalado pelos protestos no Complexo, em junho de 2013. O coletivo tem como principais bandeiras questionar a política de pacificação na favela, a política de guerra às drogas e a atuação militar no Complexo do Alemão. Em sua página no Facebook (*Coletivo Papo Reto*), com mais de 40 mil seguidores, o grupo se denomina como um coletivo de comunicação independente que tem como foco propagar notícias dentro e fora da favela sobre a realidade do território. O coletivo tem como principais ferramentas o wi-fi, celular e o uso de aplicativos como Facebook, Twitter, Instagram, Youtube, Twitcasting e Whatsapp. E em sua página denominam a prática como estando “*se apropriando de redes já existentes e ferramentas alternativas*”. Muito do que acontece no território passa pelas lentes deste Coletivo, que buscam fazer uma cobertura diferente da mídia corporativa, que denominam como “*favelado para a própria favela*”, “*Nóis por Nóis*”.

No artigo *Da metáfora da guerra ao projeto de pacificação: favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro*, a socióloga Márcia Pereira Leite (2012) examina a construção social das favelas como o território da violência na cidade do Rio de Janeiro em dois contextos: o primeiro entre os anos 1990 e década de 2000, que caracteriza-se pela promoção, por parte do Estado, de uma guerra aos traficantes de drogas ali sediados. Guerra que termina por ser praticada também contra os moradores (vistos como quase bandidos e, assim, inimigos a combater), demarcando o limite das políticas públicas nessas localidades. O segundo contexto, se abre a partir de 2008, pelo

projeto estadual de pacificação das favelas, por meio da implantação de Unidades de Polícia Pacificadora (seguido pelo programa municipal UPP Social) em algumas dessas localidades, com o objetivo de retomar o controle armado desses territórios e, assim, “civilizar” seus moradores como condição para a integração desses territórios à cidade. Segundo a autora, a construção social das favelas como território da violência na cidade – constitui o principal dispositivo de produção das favelas (e de seus moradores) como “margens do Estado”. Leite (2012) afirma que o que há de unidade entre os dois contextos mencionados, guardadas suas especificidades, é a produção de modalidades de identificação – favela e favelado – que embasam e, simultaneamente, justificam uma forma específica de gestão estatal desses territórios e populações por meio de dispositivos que delimitam as possibilidades de acesso de seus moradores aos equipamentos urbanos e serviços públicos (inclusive à segurança) e reproduzem dinâmicas segregadoras em curso na cidade.

É possível perceber que o Coletivo Papo Reto em suas postagens no Facebook se apropria de modalidades de identificação (favela e favelado) como parte da identidade de seus integrantes na cidade e como forma de atuação na própria favela. Ali ser favelado não está diretamente relacionado a algo pejorativo ou a somente ser moradora do Complexo do Alemão, tem mais a ver com uma postura própria de ser, estar na cidade e relacionar-se com o mundo. Aqui me parece que o discurso do periférico/favelado, a margem de determinados acessos e serviços públicos, se conecta com outros jovens de outras favelas do Brasil e do mundo que se sentem identificados pelo discurso ampliando a ideia de território.

Além disso, o Coletivo defende nas redes sociais que a guerra que está em curso nas favelas não é uma guerra aos traficantes de drogas e sim uma guerra aos pobres. Uma guerra do estado contra o pobre, preto e favelado. Apesar de defenderem uma outra narrativa sobre a política de segurança pública nas favelas eles continuam utilizando a linguagem da guerra para denunciar a falsa guerra às drogas. Dessa forma, além de ser importante saber o que o discurso diz, é necessário investigar o que ele faz. Qual impacto o discurso do Coletivo na internet tem na vida dos moradores do Complexo do Alemão? Fica então a pergunta: em que medida a narrativa construída sobre o que é a favela e o favelado, se conecta com outras periferias do Mundo a partir da internet e das redes sociais?

“Durante muito tempo o que sabiam sobre a favela era só o que aparecia na TV, nós vivíamos a realidade daqui, eles só sabiam do que passava na telinha. Agora é nossa

vez de fazer nois por nois”, conta Raul Santiago, mídia ativista e integrante do Coletivo Papo Reto. Do outro lado, Carlos Coutinho, também integrante do coletivo, fala que sua câmera fotográfica é sua arma. Todos os integrantes do coletivo possuem celular com sistema android ou IOS, a maioria tem máquina fotográfica profissional, tablet e possuem conta no Facebook, Instagram, Twitter, Youtube e blog. Eles estão narrando suas próprias histórias e do seu território, fazendo cobertura colaborativa, transmissão ao vivo das operações policiais e produzindo narrativas sobre o Complexo do Alemão utilizando as ferramentas de mídia e tecnologia como vitrine para o mundo. O megaphone na rua se transformou em um dispositivo bem mais elaborado. As lutas continuam se dando nas vielas, mas é nas redes sociais que o jovem favelado as significa. É no teclado que ele fala o que sente e pensa, é produzindo um vídeo que ele encontra uma forma de denunciar a má conduta do policial. É justamente no fluxo das redes e nas ruas que a favela reinventa sua forma de participar atuar nos processos políticos da cidade.

Referências Biográficas

BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. In: _____. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARTH, Fredrik. *O Guru, o Iniciador e Outras Variações Antropológicas*. Rio de Janeiro, 2000.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e terra, 1996, vol. 1.

ENNE, A. L. e LACERDA, A. *Gírias, hibridizações, negociações, negações: o discurso como objeto e lugar de disputas na arena da cultura*. Artigo apresentado no ENECULT, Salvador/BA, 2011.

FACINA, A. “*Vou te dar um papo reto*”: linguagem e questões metodológicas para uma etnografia do funk carioca. Artigo publicado na Revista Candelária n. 10, 2009.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.

GERHARDT, T. E. e SILVEIRA, D. T. *Métodos de Pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GOFFMAN, Erving. *Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior*. Garden City: Doubleday, 1967.

- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Ed.DPeA. Rio de Janeiro, 2006, Ed 11°.
- HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*. Rio de Janeiro: Ed Bertrand Brasil. 2004.
- LACLAU, E. & MOUFFE, C. *Hegemony and socialist strategy : towards a radical democratic politics*. London: Verso, 1985.
- LEITE, Marcia Pereira. *Da “metáfora da guerra” ao projeto de “pacificação” : favelas e políticas de segurança pública no Rio de Janeiro*. São Paulo: Rev. bras. segur. pública. São Paulo v. 6, n. 2, 374-389 Ago/Set 2012.
- MOUILLAUD, Maurice. *O Jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- PASSOS, Pâmella S. *Lan House na favela: Cultura e práticas sociais em Acari e no Santa Marta*. Tese de doutorado em História – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2013.
- POLIVANOV, Beatriz. *Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos conceitos*. Revista Esferas, Brasília, UCB, n. 3, 2013.
- RESENDE, Fernando. *O discurso jornalístico contemporâneo: entre o velamento e a produção das diferenças*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 14, 2007.
- REYES, Alejandro. *Vozes dos Porões*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio. (Orgs). *Cultura Digital.br*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue Editorial Ltda, 2009.
- VELHO, Gilberto. *Observando o Familiar*. In: NUNES, Edson de Oliveira – A Aventura Sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- VERGARA, Sylvia Constant. *Método de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2005, p. 25-36.
- ZALUR, Alba; ALVITO, Marcus. *Um século de favela*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, Ed. 1.